

A EXPERIÊNCIA NOTURNA COMO POTENCIALIDADE INVESTIGATIVA PARA O DESENHO

BETHIELLE KUPSTAITIS¹; ALICE JEAN MONSELL²

¹Universidade Federal de Pelotas- bethielle@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – alicejean@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O estudo intitulado “A experiência noturna como potencialidade investigativa para o desenho” está vinculado à linha de pesquisa Processos de criação e poéticas do cotidiano do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Mestrado da Universidade Federal de Pelotas.

O presente texto advém das questões suscitadas pela série de desenhos “Observações noturnas”, realizada no ano de 2012. Os desenhos consistem em registros realizados à noite a partir da observação do céu visto através de janelas e sacada da minha casa. O objetivo deste trabalho é desenvolver uma poética, que problematiza a representação da escuridão em relação as sensações de quietude e estabilidade da noite.

Os desenhos apontam para a investigação dos aspectos da minha vivência perceptiva, e para isto pretende-se evocar os sentimentos relacionados à experiência noturna, de forma a rememorar lembranças infantis fundadoras da presente pesquisa.

A relação entre o desenho e a noite se dá no movimento dinâmico entre o dentro e o fora da ação de desenhar. É no interior da casa de onde a observação acontece, que a paisagem externa é vista. É do movimento interior do pensamento e do gesto maculado no papel que o exterior pode ser registrado. As relações entre o dentro e o fora, do olhar próximo e do projetado para além do ambiente que me encontro, marcam o momento em que o desenho é realizado.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A série de desenhos intitulada “Observações noturnas” é composta de desenhos de médio porte feitos com caneta nanquim sobre papel. Nela são explorados a diversidade de tons de preto e as qualidades de linhas, que acumuladas ou esparsas constroem distintas hachuras, variam os tons de claro e escuro, estabelecendo ondas e ritmos visuais pela repetição do traço.



Figura 1: Observação noturna - dias 13 e 14 de julho de 2012, nanquim sobre papel, 50cm X 120cm, 2012.

O lento processo de acúmulo das linhas permite-me ter controle sobre o que faço, favorecendo o estudo das hachuras distintas na busca por valores aproximativos do escuro que observo. De toda forma, o tempo de observação que é preciso para realizar tais desenhos deve ser longo, pois a noite já é um modelo suficientemente complexo.

O primeiro passo para a execução do desenho consiste em determinar o local do observatório, que inicialmente têm sido as janelas e sacada da minha casa. Os primeiros desenhos foram feitos com tempo de observação aproximado em 4 horas. Com início às 20h e término às 00h.

A janela ou sacada por seus limites já determinam um recorte preciso do céu que avisto da minha posição, no interior do cômodo. E a posição em que fixo o papel define por fim, a relação entre o alcance do meu olhar e o tamanho do papel que tenho em minha frente. Se existem luzes externas, como a iluminação pública de postes ou se a lua está visível eu a registro no papel com círculos, fazendo dela um ponto de referência para guiar o olhar diante no resto negro do céu escuro.

O gesto repetitivo que faço para cobrir certa área de preto, com o acúmulo de linhas se dá sempre a partir de gesto curvo da mão, movimentando apenas o pulso de cima para baixo. Devido a este fluxo contido de pequenos gestos do pulso, é possível identificar a presença da grade que o desenho adquire quando concluído. Pelo acúmulo de quadrantes lado a lado com o mesmo gesto. Porém é possível notar da mesma forma o degradê que é visível no céu – pois quanto mais olhamos ao alto, mais escuro nos é, quanto mais abaixo, mais luzes existem. Para isto o emaranhado de linhas é mais intenso na parte superior do desenho, enquanto nas partes inferiores há uma progressiva diminuição do acúmulo de linhas. Nas partes mais baixas o branco torna-se mais visível, pois o branco apresenta-se como signo da luz.

O acúmulo de linhas refere-se a um olhar posto ao horizonte e deste olhar o estudo avaliativo na busca da hachura apropriada para o que vejo.

As hachuras – expressas em espessura de linha, acumuladas ou esparsas e direção vertical, horizontal ou curva são escolhas que faço no momento da observação. Estas determinações servem como um meio de tradução do que vejo e de como represento o que vi.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Depois de executar o primeiro desenho de observação noturna, envolvi-me no processo de recobrar situações vivenciadas que ainda habitavam minhas lembranças. Lembrei-me de uma específica situação quando contava com cerca de 8 anos de idade, da rotina de deitar-me ao chão às noites. O corpo posto à observar o céu negro repleto de nuvens que rapidamente passavam pela janela da casa. Que apesar de grande (levando em conta minha estatura) parecia ínfima, se comparada à imensidão do céu que se oferecia disponível ao olhar.

Recordo vivamente do sentimento de “abandono” dos limites do corpo, como se minhas limitações físicas e meu corpo deixassem de existir, lançando o meu corpo para fora. Como se meu corpo fizesse parte do imenso e inteligível espaço que parecia envolver-me mais a cada instante que passava.

Da lembrança de infância que evoco e dos desenhos realizados, estabeleço a relação entre o preto enquanto signo noturno. A primeira investigação que empreendi refere-se ao registro de algumas cenas recorrentes das minhas noites, com o que tenho de mais próximo às mãos: a câmera de celular. Dei-me conta do tempo diário que dispenso avaliando as diversas qualidades de luz (advindas do exterior, da rua, e da luz interna artificial das lâmpadas fluorescentes) que modelam os objetos e determinam de certo modo o que percebo. A luz possibilita um desdobramento da mesma situação, aos dias a casa se enche das mais variadas colorações em tons muito diversos; às noites formas se escondem, se afastam, transmutam-se em outros objetos. A imaginação ganha lugar e as sensações se aguçam, tudo parece possível, como bem explica Merleau-Ponty:

“É quando fazemos a experiência da noite sem limite que a noite se torna o *lugar* por excelência, em pleno *meio* do qual somos absolutamente, em qualquer ponto do espaço onde nos encontremos. É quando fazemos a experiência da noite, na qual todos os objetos se retiram e perdem sua estabilidade visível, que a noite se revela para nós a importância dos *objetos* e a essencial fragilidade deles, ou seja, sua vocação a *se perderem* para nós exatamente quando nos são mais próximos”. (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.99)

A noite parece portar em si todas as respostas, porém das poucas que tenho, afirmo que o sentimento de estabilidade e silêncio são importantes, quando coloco-me como observadora dos fenômenos noturnos. O escuro carrega uma sensação inebriante que contagia e significa - com a sua estabilidade instaura um lugar de ausência e de constante dúvida.

Passado algum tempo dei-me conta de que poderia fazer do desenho uma justificativa para a minha observação noturna, ou vice-versa. Afinal, desta forma poderia unir meus interesses na mesma atividade: a observação do céu noturno, a ação de desenhar, o estudo de hachuras e obter um produto afetivo relacionado às minhas experiências, um registro da maneira como percebo e “traduzo” tons e valores.

Refletindo sobre os desenhos já concluídos pude analisar a alternância entre o olhar que inicialmente é voltado para o interior e que depois é lançado para fora, para além dos limites do ambiente em que me encontro. Há uma relação aproximativa e intimista: da casa, do papel, do gesto da linha que volta sempre em direção ao meu corpo, e deste posto sobre o suporte. E em contraponto, o movimento inverso, voltado para o exterior, o olhar lançado para fora, compenetrado a observar o que vejo, distante do meu corpo e intangível.

Neste processo dinâmico de constituição da imagem pude identificar a ideia que fundamenta a noção de desenho, enquanto projeto, ação de projetar. Quando lanço o olhar do interior do meu quarto para o imenso céu negro que se mostra ao longe. O movimento de aproximar e distanciar enriquece minha percepção do entorno e coloca-me o desafio de encontrar novos ângulos, maneiras de ver e representar.

3. CONCLUSÕES

Meus desenhos de observação noturna retêm em si uma lembrança, a memória de um momento vivido. Como afirma Paul Valery (2003), só se vê realmente algo no momento em que se coloca diante do objeto que observa e o desenha. O olhar que mira o céu noturno deseja ver além, descobrir o que há atrás do breu, desvendar um mistério. Meus olhos postos muitas horas diante da janela almejam com a caneta decifrar um segredo. A noite em si é um mistério movente, que a cada segundo parece modificar todo o cenário, meu olhar deseja apreender tudo, e registrar o possível.

Esta pesquisa se encontra em sua fase prática de desenvolver os desenhos em torno da mesma temática. Pretendo continuar investigando qualidades distintas de expressões gráficas, que traduzam de forma cada vez mais próxima, a experiência com a noite. Da mesma forma uma investigação apurada em torno de materiais que possibilitem a continuidade e desenvolvimento da pesquisa poética. Paralelamente, estima-se a continuidade da pesquisa teórica a fim de que ambas sejam cada vez mais aproximadas e relevantes no seu conjunto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAXANDALL, Michael. **Sombras e luzes**. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

DERDYK, Edith. **Disegno. Desenho. Desígnio**. São Paulo : SENAC, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2011.

PASTOUREAU, Michel. **Preto: história de uma cor**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. 10. ed. Rio de Janeiro : Senac Nacional, 2009.

VALÉRY, Paul Ambroise. **Degas dança desenho**. São Paulo : Cosac & Naify, 2003.